



entrevista com

marcos mesquita e VITOR MESQUITA

Entrevista com Marcos Mesquita, com participação especial de Vitor Mesquita, músicos que formam o duo Viola Progressiva. Marcos nasceu no Rio de Janeiro-RJ, dia 12 de junho de 1960. Vitor nasceu em Brasília-DF em 16 de setembro de 1990. Entrevista realizada na residência de Vitor, na Granja do Torto, Brasília-DF, dia 13 de fevereiro de 2018. Entrevistadores: Domingos de Salvi, Sara de Melo, Daniel Choma e Tati Costa.

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

[Marcos Mesquita na viola caipira e Vitor Mesquita, também na viola caipira, tocam a música instrumental “Sinós na Varanda”, de autoria de Marcos Mesquita e Vitor Mesquita]

Domingos: Marcos, você é natural de onde?

Marcos: Bom, eu nasci no Rio de Janeiro, sou filho de gaúcho. Minha família toda é originária do Rio Grande do Sul. Criação minha foi toda... Nossa, dos meus irmãos, dentro de casa, criação de gaúcho. Alimentação, jeito de ser. E meu pai formou em medicina no Rio de Janeiro, depois que casou com minha mãe, trouxe lá do Rio Grande do Sul. Aí os filhos todos nasceram no Rio de Janeiro. Mas eu cheguei em Brasília com quatro meses de idade, em sete de outubro de 1960. Aí, vim crescendo junto com a cidade. E aqui a gente adquire um pouco de cada sotaque, fala oxente, uai, né? Então, aqui a gente une... Como diz o Xangai, é a cara do Brasil. Eu vim dentro dessa criação, nessa cidade bem multicultural e vim tendo a minha formação pessoal e cultural dentro disso. Em casa a gente ouvia de tudo também, meu pai sempre gostou de música clássica. Ele ouvia música clássica e a gente ouviu rock dos anos 70, aquela época, 1970, 80, que é a nossa base, toda aquela música popular brasileira da época. Então, eu vim crescendo dentro disso tudo. Já com dezesseis anos comecei a ouvir música caipira também. Então, eu sou fruto disso tudo, da música, do jeito de ser.

Domingos: Como era Brasília nessa época?

Marcos: Brasília era como quase toda grande cidade. Era muito bom, não tinha grade nos lugares, em lugar nenhum tinha grade. Em 1981, por exemplo, uma casa na Ceilândia [tinha] murinho baixinho assim, com portãozinho, sem cadeado sem nada, você abria, não tinha grade. As casas na W3 não tinham grade em lugar nenhum. E Brasília era conhecida como uma cidade transcendental que favorecia a meditação. Então era bem isso, cheio de crianças. Tem gente que diz que na ditadura não tinha gente na rua, pelo contrário, tinha muita gente na rua, o tempo todo criança brincando... Cresci brincando na rua, futebol, era aquela gritaria de criança, gritando, falando palavrão, coisa de criança, xingando o outro, jogando bola. Então... É muito cerrado. Brasília, quando fizeram os eixos arrancaram quase todas as árvores, aí era aquele barro - depois que plantaram as gramas. Então Brasília era uma coisa interessante, se andava muito a pé, muito silêncio, pouco carro. Aquela coisa de capital realmente da esperança, de coisa nova e tudo. Não haviam governos populistas, era uma coisa interessante, Brasília. Muito cerrado em volta... Muito pássaro... Era um sentimento diferente. Acho que na verdade era o sentimento diferente que existia em geral na cidade grande, era diferente do Rio de Janeiro, São Paulo, tudo era diferente. Era uma coisa muito legal, era um clima muito bom. A gente andava no meio das quadras, tinha alguns teatros antigos, por exemplo, Sesc da 913. Ali, por exemplo, vi Alceu Valença tocando, ali no Sesc Garagem - não era o Garagem era o teatro de cima ali. Aí circulava, andava pelo meio das quadras, via as pessoas andando pelo meio das quadras pra ir no teatro, na Aliança Francesa, encontrava com as pessoas. Era muito interessante. Tinha o projeto Cabeça, eram

shows na rua. Então é isso, bicicleta, futebol. Brasília tinha a época da pipa. Todas as quadras, pelo menos as 10, 12, as quadras em volta, as 300, 100... Era época da pipa, todas as quadras soltavam pipa. Depois, época do peão. Época da bolinha de gude. Assim, bicicleta e futebol era o tempo todo... Isso era uma coisa interessante. Aí tinha a época do trote, você jogava o ovo na cabeça do outro - aí rolava em todas as quadras. Bete, época do bete. Brincadeiras que eu nem lembro mais, tenho vontade até de reaprender algumas brincadeiras, brincadeiras coletivas... juntava dez, quinze crianças brincando... Aquelas brincadeiras coletivas. Era interessante, era essa Brasília... Por exemplo, tinha muita gente do Rio pela transferência da capital, pelo menos quando a gente morava na 208 Sul. Na transferência da capital a gente veio do Rio e tinha muita gente do Rio ali também. A capital era no Rio de Janeiro, então ali tinha muita gente... Apesar que eu sei que veio muita gente do Nordeste, mas tinha mineiro também. Mas eu me lembro que ali perto do meu bloco os meus amigos tinham muito o sotaque de carioca. Mas tinha amigos também que vieram de Pernambuco. Logo no comecinho, isso nos anos 1960 pra 1970. Depois fui crescendo, já pra adolescência, adulto, aí tinha tudo que era gente, do Amazonas, Pará, Goiânia, mineiro, piauiense. Que eu saiba, em Brasília - pelo menos foi uma estatística que eu vi uns dez anos atrás -, o que tinha mais era piauiense e mineiro. E aí baiano, então... À medida que o tempo foi passando foi vindo mais gente de outros estados. Mas inicialmente veio todo aquele pessoal que trabalhava no Rio de Janeiro, na capital, funcionário público, ocupar os ministérios. Boa parte trabalhava no Rio, não necessariamente todo mundo era carioca, mas muito carioca, lógico, certeza. Meu pai era gaúcho, não tinha sotaque de carioca, mas veio... Mas eu me lembro alguns dos vizinhos nossos, aquele sotaque bem carioca mesmo, aquele jeitão. E é isso...

Domingos: Qual é sua primeira lembrança de ver alguém tocando viola caipira aqui em Brasília?

Marcos: Uma época eu saí da 208 Sul e fui morar no Park Way, época em que os terrenos eram todos de vinte mil metros quadrados, era tipo chácara. As primeiras vezes que eu comecei a ver viola caipira, tinha um pessoal... Um amigo nosso, o Dedé, foi parte integrante do grupo Bueiro, que era mais ou menos a síntese do que rolava no Brasil e no mundo, que era essa coisa da fusão do rural com o urbano. E o que rolava muito, pelo menos aonde eu circulava, era essa coisa que surgiu na década de 70: Renato Teixeira, Crosby, Stills Nash & Young, Ruy Maurity, América, Cat Stevens. O próprio Bob Dylan juntava aquela música country com o rock... Aqui em Brasília também. Sá e Guarabyra, aqui no Brasil, com o rock rural. Fazendo um paralelo ainda dessa coisa com o mais urbano e o mais rural, por exemplo, eu considero também... Foi nos anos 1970 acho que surgiu o Alceu Valença também com aquela coisa meio pop dele com a música nordestina. Renato Andrade trazendo uma música sofisticada, mas com um sotaque mineiro bem forte. E o que rolava era isso, aqui. Esse grupo Bueiro, por exemplo, o Dedé tocava contra-baixo - não, no Bueiro ele tocava violão, guitarra e viola caipira. E o Dedé nessa época era amigo dos meus irmãos e

ele ia lá em casa na mansão tocar. E pintou uma viola pra mim em 1975. E nessa mesma época meu irmão foi numa loja e comprou uma viola Rei dos Violões e trouxe pra casa. Ele não tocava, e quem ficou tocando fui eu. Toquei ela... Na verdade eu estava começando a tocar, influência de um amigo, estímulo de um amigo meu que deixou um violão lá em casa, o Dalton Godoy. Eu comecei em 1974 a tocar um violão, aí pintou essa viola, que é a que eu toco até hoje. Mandei desempenar ela, gravo com ela, toco com ela em show. Na verdade, ainda não vi viola Rio-abaiixo melhor que aquela. Com peso de grave, afinada e plugada, muito legal! Aí começou uma história com a viola em 1975 com essa Rio-abaiixo. O Dedé também tinha uma Rio-abaiixo igualzinha a minha. Rio-abaiixo não, uma Rei dos Violões, só que afinada igual violão - tocava aquela "afinação natural", que o pessoal fala. E esse grupo Bueiro, eu tenho uma fitinha dele. O quê que lembra o Bueiro? Lembra 14 Bis... Lembra o 14 Bis, mas só que foi bem antes do 14 Bis aparecer, entendeu? Sabe como eram as influências? Que eu acho que é um movimento todo que surgiu no Brasil... Que todo mundo fala Bossa Nova, Jovem Guarda, mas esse movimento dessa fusão do rural com o urbano eu acho que até hoje tem. O Almir [Sater]... Qual é o som do Almir, do Renato Teixeira, do 14 Bis mesmo? O meu som, aquele pessoal do Mato Grosso, Tetê Espíndola... Você vê que tem aquela coisa meio misturada, meio livre, não é? Então o que rolava em Brasília era isso aí. E a viola começou a aparecer aí. Em 1976... Depois eu parei, larguei essa viola um pouco lá e fiquei uns seis anos tocando violão clássico, aquela coisa toda. Aí depois reencontrei com a viola de novo. E encontrei com a viola de novo depois de ouvir um disco do Almir. Quando eu vi o primeiro solo, metade do solo de "Trem do Pantanal", falei: "vou voltar A tocar viola, né?" Aí vem vindo e não larguei mais. De 1982 pra cá, tem algum tempinho. Quer dizer, 75 pra 76 fiquei tocando, compus umas músicas interessantes, sem saber nada de música - totalmente intuitivo. Uma afinação que eu não lembro mais era uma afinação que o Dalton me ensinou, bem diferente. Fiz umas músicas assim, mistura de música medieval com música oriental, como é que fala? Era uma coisa diferente. Mostrei pros amigos meus que tocavam violão clássico, eles ficaram impressionados com aquele som. Gravei numa fita e a fita sumiu... Ficou gravado em algum lugar no astral!

Domingos: Você começou a compor nesse período?

Marcos: É, porque eu não tocava nada. Nunca pensei ser músico. Todos lá em casa fomos criados para ser atleta e competitivo, desde criança. E eu criei os meus filhos assim também. E eu nunca pensei em ser músico, porque músico fica muito tempo sentado, nunca imaginei uma possibilidade de eu ficar assim, sentado. Eu sempre fui muito, desde criança... O dia inteiro andando e correndo de bicicleta, nadando - desde criança nadando muito. Aí tinha um amigo, esse Dalton, ia sempre lá em casa, cantava na cidade na época. Dalton Godoy, passava uns dias lá em casa no Park Way. Aí um dia eu estava olhando ele tocando e ele falou: "quer aprender?" Eu falei: "quero!" Falei assim do nada, "quero". "Este é o Mi, o Lá e o Ré", botou num papelzinho e deixou o violão dele fora. Eu ficava lá três, quatro horas por dia tocando aquele Mi, aquele Lá e Ré de todas as formas possíveis que eu conseguia tocar.

E ali começou. Quando ele me ensinou o Dó e o Sol aí eu já fiz a primeira música. E uma dessas músicas que fiz nessa época, vou gravar num disco que eu vou fazer, se Deus quiser esse ano, vou lançar em 2019. Uma música chamada “Por onde andei.” Gravei com dezesseis anos, vou lançar com cinquenta e oito pra cinquenta e nove! *[Risos.]* Interessante, tem coisa que vai atravessando década aí, a música é legal. A gravação que eu tenho, ela é bem rústica... Mas depois eu fiz um arranjo já tocando viola. Hoje em dia eu faço o arranjo na viola com violão, bem country, o arranjo ficou parecendo Ruy Maurity. E é isso. Esse negócio de compor foi uma forma de libertação de expressão, que eu era um adolescente muito complexado, tinha dificuldade de me expressar. Aí a música começou a vir nesse lance, como uma forma de libertação, de conseguir falar alguma coisa com a música. Aí depois, hoje em dia... De um bom tempo pra cá já não tem aquela coisa, continua sendo uma libertação, mas já em outro aspecto. De muita coisa eu fiquei livre. Temos a liberdade, eu sou tranquilo, eu não tenho preocupação nenhuma. Se chegarem, por exemplo, “você tem que fazer isso.” Eu não sei, se eu não quiser eu não faço. Porque... Às vezes posso ser obrigado a fazer alguma coisa pra ganhar um pão, alguma coisa que não é legal, mas a música eu faço o que eu quero. Sempre fiz isso, sempre toquei o que eu quis. Nesse aspecto eu tenho em comum com o Almir. O Almir sempre tocou as músicas dele, sempre. Apesar de que eu sempre toquei música dos outros também, inclusive dele. É isso.

Domingos: Qual é a cara da música de Brasília daquela época e de hoje, como você vê isso?

Marcos: Do que eu frequentava naquela época, era muito isso aí, nessa fusão. Mas sempre teve de tudo. Essa influência tipo Ruy Maurity, essas coisas, dos Mutantes. Tinha umas coisas interessantes... Por exemplo ali no SESC 903, tinha aquele teatro lá em cima que é um auditório, eles faziam festival de rock. Uma vez fizeram um chamado “A festa”, entrava todo mundo de graça, era todo mundo de graça, não pagava nada e as bandas iam tocando uma atrás da outra banda. O problema é que davam vinho de graça, o povo ficava tudo doido... Deitado *[Risos.]* Eu fui tocar numa dessa, quando eu entrei a plateia estava toda deitada. *[Risos.]* Mas muita gente boa. Esse Dedé, por exemplo, ele foi chamado pra ser baixista dos Mutantes, mas não foi. Não sei se foi bom, porque talvez ele ficasse doido igual, acabasse de ficar doido... Ele não foi. O Sérgio Dias veio a Brasília e viu ele tocando, queria levar ele de todo jeito pra tocar com os Mutantes. Daí eu não sei por que ele não foi, nunca perguntei. Era um cara muito bom.

Domingos: E o pessoal falava de Brasília como Capital do Rock?

Marcos: É. Por exemplo, o precursor do rock, a primeira banda que mais fez sucesso fora, de vulto, foi o Mel da Terra. Mel da Terra gravou aquela, *[canta:] Cai dos ares, vem dizer... O caminho...* “Estrela cadente”, um dos discos que mais fez sucesso. Mas bem antes, numa entrevista com o Serginho falaram: “ah, que o Mel da Terra foi a primeira banda de rock de Brasília”. Ele falou: “não, teve o Bueiro, teve a Margem”. Tem outras bandas... Bem antes,

acho que uns dez anos antes teve essas bandas o Bueiro e a Margem. Eu lembro de ter visto, quando eu estava começando a tocar, ali na salinha Funarte da torre, lá tinha, não sei se ainda tem, as portas se abriam pra fora, abriram tudo porque era umas quatrocentas pessoas. As portas abriram todas. E a Bueiro fazia assim: eles começavam, a primeira parte do show era viola caipira, flauta, baixo acústico, violão. Aí eles paravam e pegavam guitarra, baixo, bateria, baixo elétrico. Aí virava rock tipo pesado. Então o show do grupo Bueiro era esse, eu cheguei a ver esse show. Não lembro de uma música na época, mas lembro do sentimento. E estava lotado, gente pra tudo quanto era lado... Aquela salinha transbordou pros lados. Eu lembro que tinha gente fora, em volta da sala da Funarte. Dentro cabem umas duzentas e cinquenta pessoas mas estava tudo lotado, abriram as portas, ficou aquele povo em volta. E isso em 1974, sete quatro. Mel da Terra surgiu nos anos oitenta, banda muito boa, pena que terminou a banda, mas ficou registro. E um trabalho muito bom. E eu acho que ficou essa coisa de “Capital do Rock”. Depois teve Mel da Terra, teve Renato Russo, muita gente tocando rock aqui. Mas eu não sei, hoje virou tanta gente tocando tudo de tudo, não é? *[Risos.]* A gente pode dizer que é capital da viola também, porque tem viola pra tudo que era lado. Em todos os lugares que a gente vai tem muita gente tocando viola e de jeitos diferentes. Então eu sei que ela foi capital da esperança, não é? *[Risos.]* Agora a gente continua tendo alguma esperança ainda, mas... *[Risos.]*

Domingos: E aí teve um momento que você assumiu a viola como profissão? Como foi isso?

Marcos: É, na verdade eu resolvi ser músico em 1979. Eu não estava tocando viola, estava tocando violão. É aquela coisa, jovem... Mas com dezenove anos eu resolvi: vou ser músico mesmo. E aí meu pai falou pra até fazer, como é que fala? Comunicação. Porque de repente eu fazia uma outra coisa pra viver, ajudar a carreira de músico. Eu falei: “bom, mas vai dar tanto trabalho, melhor eu fazer música logo.” E tinha a opção de tocar em bar ou estudar na UnB, fazer licenciatura e depois ser professor. Até eu conseguir botar o pé na estrada. Aí resolvi ser professor, fazer esse curso, fiz licenciatura, formei. Depois virei professor na Fundação Educacional, acabei ficando até hoje. Fui tocando, durante trinta anos, tocando três profissões: músico, professor e empresário. Vim tocando durante trinta anos e acabei ficando. Estou perto de ficar livre dessa missão aí, pelo menos assim de ir com horário marcado! *[Risos.]* Mas, então, resolvi. Aí a viola surgiu logo na sequência, que os meus professores de violão praticamente a base foi o Marco Pereira... Minha base, toda a minha base está aqui, o Marco Pereira e o Eustáquio Grilo. São os grandes formadores dos violonistas em Brasília, que eu saiba, vieram dessas duas fontes. E que eu também, depois, quando toquei viola, muita coisa se assemelha. Essa minha parte técnica e metodologia que eu tenho, muita influência do Marco Pereira e do Grilo, com quem mais eu tive aula. Tive também aula com o Paulo André Tavares, mas foi só um semestre praticamente. O Grilo e o Marco foram os que mais me estruturaram, minha técnica.

Domingos: E essa coisa de trazer uma técnica de outro instrumento ou de outro universo musical pra viola, dá certo isso, como que é?

Marcos: Dá porque na verdade é assim: eu costumo dizer que todo mundo tem técnica. Não tem ninguém que não tenha técnica. Tem a técnica, a pessoa desenvolve o que ela assimila. Então, por exemplo, o Zé Mulato tem a técnica pra tocar o que ele toca, se não tiver técnica não toca. Ele desenvolveu aquilo. O Índio Cachoeira... Todos têm a sua técnica. Mas eu tive essa oportunidade de ter a formação, a formação erudita que facilitou algumas coisas de você ter mais desenvoltura no instrumento. Além do mais, algumas coisas que acessam alguns conhecimentos musicais, de conhecer mais estrutura musical. Ter uma base de ouvir melhor as coisas, de interpretar melhor o que está sendo, o que está acontecendo e isso a técnica é... Porque você aproveitar a técnica do violão, não quer dizer que você vá tocar como violão - porque é diferente, entendeu? É que a viola, por exemplo: você toca aqui no violão, só toca um toque sem apoio; com a viola, se tocar sem apoio você toca numa corda só. Inclusive, quando eu comecei a tocar viola o Roberto me deu esse toque aqui. O Roberto Corrêa me deu esse toque, comecei a tocar assim, daí tudo eu vim desenvolvendo. Posso tocar com mais unha, mais carne, de acordo com o que eu queira. Mas toda parte de digitação, aqueles treinos, por exemplo: *[toca na viola.]* Marco Pereira, tem gente que faz com dois dedos. O Marco Pereira, outro dia eu vi um show dele agora recentemente. Ele faz esses treinos com os quatro, vai e volta, com os três dedos... *[Demonstra na viola.]* Isso eu vi, ele tocando atualmente como ele me ensinou no século passado. *[Risos.]* Essas coisas assim, tem o polegar. Então a gente vem daí, a gente vai desenvolvendo. As minhas violas são todas feitas na Aden Violões, aqui, pelo seu João e o Alexandre, Advogado e Engenheiro. E teve uma época, um ano que eu adquiri umas dez violas, cada viola tinha uma madeira diferente e um som diferente. Então tinha o harmônico tal, um harmônico diferente do outro e aí, quando eu ia tocar, algumas coisas faltavam ou sobravam. Eu não sei... Principalmente um harmônico e tal. Aí eu comecei a tocar, descobrir vários jeitos de tocar com a unha, entendeu? Polegar aqui, polegar aqui assim, dobrando aqui - eu comecei, pra tirar o som do instrumento. Então acho que a gente não tem que ter preconceito de nada. Mas o importante é você tirar o som do instrumento, entendeu? Por exemplo, vou fazer uma pequena propaganda: eu gosto do som da viola do seu João porque ele é um som caipira. As violas dele têm um som... *[Dedilha na viola.]* Um som caipira, um som de viola, está entendendo? Isso eu acho importante. Então a gente tem gravado coisas diferentes. Coisas ligadas mais pro rock progressivo, mas tem o som de viola, entendeu? O som está lá, o timbre.

Domingos: E a viola é um instrumento que pode ser tocado de tudo nela?

Marcos: É, não tem essa coisa minha gente, porque música é liberdade. Agora, a gente tenta fazer uma coisa que primeiro seja agradável ao ouvido da gente. E nessas décadas as pessoas... A gente não precisa mais se auto afirmar porque as pessoas gostam do que a

gente faz. A gente tem um público nosso já. Então a gente vai e a gente costuma agradecer. Então, viola é um instrumento como qualquer outro, cada um usa do jeito que consegue. Porque tem a capacidade natural de cada um. Dedicção também, principalmente dedicação, porque sem dedicação não adianta ter capacidade. Tem caras, por exemplo, que pegam as coisas muito mais rápido do que eu. Só que às vezes, ele estuda uma coisa e ele pega uma coisa em uma hora. Eu demoro seis horas pra pegar, mas eu estudo seis horas, entendeu? *[Risos.]* Se ele estuda, eu estudo seis horas, mas no final das contas eu toco o que ele tocou. Mas eu não quero saber... A natação me deu muito isso desde criança, de fazer, de repetição, repetição, repetição, repetição. Então, estudar é o grande lance, é estudar. É inspiração. Ver se a gente consegue ter inspiração pra compor coisas legais disso tudo. Porque acho que eu me considero um escravo da inspiração, sem inspiração eu não sou nada. Agora, a gente tem que estar preparado pra receber a inspiração. Como que é preparado? É estar bem tecnicamente. Porque às vezes vem uma coisa, a gente ouve uma coisa, mas não consegue tocar aquilo. Até hoje, tem coisas que eu escutei, mas não consigo tocar ainda. Entendeu? Porque às vezes a coisa é difícil de tocar, eu imagino, é difícil de tocar aquilo ali. É isso. Tudo que a gente quer fazer bem a gente tem que se dedicar àquilo e fazer, entendeu? Suar muito a camisa e gostar. Não basta a pessoa querer ser bom músico, ou bom qualquer coisa. Não basta gostar daquilo. Você tem que ser assim, obstinado por aquilo, está entendendo? Você tem que ter assim muito tesão, como dizem, porque senão você não vai ser bom. Você vai ser médio. Gostar, só, não resolve. O Zico mesmo falou, ele desde criança, ele ficava o dia inteiro com a bola. Acabava o treino do Flamengo ele ficava uma hora sozinho batendo falta. Considerado em geral pela crítica internacional o melhor batedor de falta na frente da área. Mas ele acabava todo treino, ele ficava uma hora treinando. É assim que se faz, não é? É isso aí. Todos falam a mesma coisa. Todos os caras bons eles falam a mesma coisa. Até o mestre Tabosa, mestre de capoeira, a primeira academia que abriu em Brasília de capoeira, o Tabosa falou assim: “treino”. Ele falou assim: “se você quer ser bom, treina. Se você quer ser melhor, treine mais. Aí se você quer ser mais ainda, se superar, você treina mais ainda.” Então é isso. Melhor capoeirista que já teve e respeitado no Brasil inteiro, fala a mesma coisa. Então os bons falam isso. Então vamos seguir os bons! *[Risos.]*

Domingos: Lembro que uma vez você falou que gosta de olhar a viola como se ela não tivesse história. Como é?

Marcos: É. Porque assim, eu sou uma pessoa que uma característica minha, até na família, por exemplo, tudo que eu faço eu não me contento em fazer o que todo mundo já fez. Em tudo que vou fazer, eu procuro descobrir alguma coisa nova. Isso é natural em mim, eu sempre procuro inovar em alguma coisa. Não “porque eu vou mostrar pros outros que eu vou inovar”... Eu não contento, é uma coisa que já está dentro de mim. Eu sou empreendedor na arte, e ao mesmo tempo eu sinto vontade, eu gosto de preservar as fotos da família, aquelas coisas. Eu gosto de preservar a memória das coisas. Parece que o que a

gente vai vivendo, parece que o tempo vai passando entre os dedos da gente, a gente não consegue pegar. Então eu fico querendo registrar de alguma forma. Então tem desde essa coisa de preservação quanto de transcendência de tudo. As pessoas em geral pesquisam muito sobre os violeiros, os mestres violeiros. E eu já pesquisei outra coisa, eu me concentrei na viola como instrumento. As capacidades harmônicas, melódicas dele, sonoridades... Entendeu? Procuo ouvir tudo que eu posso ouvir. Tem alguém tocando eu quero aprender, fico prestando atenção se aprendo alguma coisa. E então é isso. É porque a viola é um instrumento que, nesse aspecto técnico do instrumento, ela não tem passado nem futuro. Futuro tem, mas não tem passado, pode ser tocada qualquer coisa na viola. É um instrumento que você toca qualquer coisa, de Tom Jobim... Cabe você se dedicar àquilo. Porque tudo que você vai tocar é uma malhação. Eu tenho trabalhado na viola isso aí e trabalhar em várias tonalidades, ficar livre, escalas, formação de acordes... Pegadas, por exemplo: palheta - não é só sobe e desce, tem alguns tipos de palhetada diferente, não é? E vou descobrir mais outros. Outro dia eu estava pensando até de tocar de dedeira. Tem uns caras fazendo umas dedeiras boas, eu vou começar porque dá outro som. Nunca toquei de dedeira, sou ruim pra caramba mas... *[Risos.]* Mas de repente é uma coisa legal!

Domingos: E essa técnica própria da viola caipira também, como você vê isso?

Marcos: A técnica, cada um tem um jeito diferente de tocar, um ritmo, cada um toca de um jeito. Por exemplo, agora eu toco aqui, por exemplo: *[dedilha na viola.]* Eu bato praticamente tudo com o polegar, tem gente que sobe com isso aqui. Mas os caras também tocam de dedeira. Mas o importante é o som que sai, o importante é você tirar aquela sonoridade. Eu costumo dizer: você quer aprender a tocar ritmo na viola, você procura os violonistas. Esses é que são bons de ritmo, entendeu? Os violeiros são bons, mas não são tanto. Quem é bom mesmo são os violonistas, são os que seguram a base ali. Então toquei durante quase vinte e cinco anos aqui em Brasília com o Fabinho. Fabinho é filho do Pardalzinho, do João Mariano e Pardalzinho, dupla famosa, gravou muitas Folias. Segundo eles, eles gravaram, chegaram a vender cento e vinte mil cópias de um CD deles. CD não, vinil, em setenta e poucos. O Pardalzinho é pra mim um cantador de Folia de Reis gravada, assim, eu nunca vi nenhuma voz mais bonita que a dele, impressionante. Voz linda. Já vi e cantei com ele ao vivo também. A voz dele vai longe assim, é muito linda, um timbre muito bonito. E não é só forte, mas é um timbre muito aveludado, muito bonito. E o Fabinho é filho dele. Inclusive foi criado ali junto com Zé Mulato e Cassiano, foi aprendendo ali com ritmo, muita coisa o Fabinho aprendeu vendo. É um dos grandes baixistas, um músico assim, prático - você está num tom, você muda de tom ele entra normal assim como se nada estivesse acontecendo. Às vezes ele não sabe nem que tom está, mas ele vai e acerta, isso que é incrível. Muito criativo e, por exemplo, nas viagens que a gente fez assim eu me lembro que a gente foi lá... Às vezes eles tocam, o pessoal, tem uma rodinha dos violeiros tipo lá a Orquestra Paulistana. Aí fomos tocar uma música, ninguém olhava pra mim, olhava era pra mão direita do Fabinho e o ritmo que ele tocava, muita pegada, então é um cara

muito bom. O Cassiano, um violão lindo. A viola do Zé Mulato também, mas quem segura aqueles ritmos todos... E eles não tocam igualzinho, igualzinho, mas importante é você descobrir a pegada. Tem outra coisa, quando você toca um ritmo pra baixo não é o mesmo som que toca pra cima. Entendeu? Essa coisa de pra baixo, pra cima, Guarânia, por exemplo: *[demonstra na viola.]* Você toca alternando a corda grave e aguda. Se você tocar tudo em cima, *[demonstra na viola]*, fica tudo aquele bolo. Então tem muito isso, os ritmos em geral da música caipira têm essa coisa do bordão. E você vai procurando. Às vezes o cara tira um pouco diferente, você vai ali ouvindo. Você quer tirar a sonoridade do Tião Carreiro, do Bambico, ou quem quer que seja, você bota aquele disco pra rodar ali. Hoje em dia é digital, você fica rodando aquilo o dia inteiro ali, assim, tocando. Eu fazia isso. Ficava lá fazendo café, ficava ouvindo a música mil vezes, o dia inteiro. Botava no carro, ficava repetindo aquilo... Daqui a pouco aquilo estava dentro de mim, daqui a pouco eu estava tocando igualzinho, entendeu? Eu ficava introspectando aquilo porque é algo mágico. A música não é só mecânica, ela tem um sentimento, você tem que incorporar o sentimento. Entendeu? Então essa coisa da sonoridade tem a ver com isso. Por causa dessa minha experiência de ficar ouvindo, ouvindo, ouvindo, ouvindo, daqui a pouco tinha dia que eu estava tocando igualzinho um pagode do Tião Carreiro, estava igualzinho. Agora eu não vou tocar igualzinho porque eu não estou tocando tanto. Mas porque introjetou dentro de mim aquilo ali, entendeu? Às vezes você toca, por exemplo, com outra pessoa. Daqui a pouco você está tocando e sentindo igual ela, até fisicamente. Aconteceu isso comigo algumas vezes, porque vai assimilando aquele sentimento, é uma coisa assim que não... É misteriosa a música. Música, eu sinto que é um mistério da natureza, ela não é uma coisa simplesmente de artista, de profissão. Vira profissão porque a gente... Pudera o pessoal ter condições de mostrar melhor, desenvolver, dentro do trabalho da música. A música é uma manifestação da natureza, que nós somos da natureza também. É uma coisa bem ampla.

Domingos: E no seu trabalho como compositor, você já chegou a fazer alguma coisa em homenagem a Brasília?

Marcos: Não, nunca cheguei. Até pensei, mas para Brasília não, nunca fiz. Não fiz nada não, que eu lembre não.

Domingos: E de alguma maneira o cerrado, o céu, esse ambiente todo daqui dessa região, aparece na sua música?

Marcos: Ah, aparece através do vento. Vento. Os pássaros agora estão aqui cantando, aqui em baixo, estamos aqui na casa do Vitor, meu filho, meu parceiro aqui. Estamos debaixo de um pé de acerola. E aqui é uma pitanga. Eles foram criados aqui, é a casa de um amigo nosso, eles foram criados aqui - eu moro um pouco mais ali em cima. Então o cerrado é através disso, do ar, do vento, da umidade, do céu. Assim, não necessariamente a gente tem que falar do cerrado, mas às vezes eu estou tocando um rock progressivo mas tem a ver. As

músicas que eu tenho que eu falo que são influências, essa que a gente tocou: “Sinos na varanda”, por exemplo. A gente estava ensaiando e de repente, como é que foi mesmo? Estávamos os dois ensaiando, a gente parou assim, eu estava olhando pra cima. Aí de repente, do nada, fez assim: *[dedilha na viola]* Pin! Eu falei pra ele: “parece um sino, não é?” Aí eu terminei a frase, faz: *[cantarola]* “Tananan, tananinanan”, veio essa frase pra lá *[dedilha na viola.]* Quer dizer, pintou uma música assim, por exemplo. Tem música que demora dez anos pra ser feita, não é? Essa primeira parceria nossa. Sei lá, a gente mora num lugar assim... Perto do cerrado, Parque Nacional aqui perto, então é isso. A influência é essa, de sentimento mesmo. Sentimento.

Domingos: E como começou essa parceria de pai e filho?

Marcos: Bom, o Vitor... Quando é que lhe dei uma viola?

Vitor: Oito anos.

Marcos: Oito anos dei uma violinha pra ele. Só que a tensão das cordas era muito grande, a viola acabou dando uma empenadinha. Aí comecei a ensinar pra ele, até desenhava a mão assim, até hoje tenho guardado lá, desenhava uma mão assim, com P M A: mão direita, um, dois, três, quatro. Desenhava aquelas coisas, tentando fazer uma coisa pra criança. Aí a viola deu uma empenada, tal, aquela coisa. E aí ele passou um tempo. Conta aí...

Vitor: Eu tinha oito anos, meu pai deu a viola. Uma viola bem pequenininha assim e ela tinha uma tensão muito alta, aí acabou empenando. E ele me ensinou a tocar, até eu já sabia tocar isso aqui, *[demonstra na viola.]* E ficava... Só que empenou, passou um tempão, aí meus amigos já todos tocavam...

Marcos: Porque era um arranjo... *[demonstra na viola.]*

Vitor: Aí ele me ensinou esse arranjo, que hoje em dia a gente toca ele. Só que era só um dedinho. Aí passou o tempo, a viola empenou. Aí meus amigos todos do colégio, da rua, todos já estavam tocando alguma coisa. E eu não tocava. Falei pô, eu era o único que tinha o pai músico e não estava tocando nada. Aí a gente voltou a tocar e eu aprendi uma música que é “Arpejos” *[toca na viola]*. Pra já treinar o arpejo. No meu caso, a mão esquerda. Aí já me botou pra tocar num show. Eu só sabia ela. Acho que um mês e meio depois que eu aprendi a tocar, me botou num show lá.

Marcos: É. Tinha umas seiscentas pessoas assim num parque. Tudo em volta lá e a única que ele sabia, eu já botei ele pra tocar. Tendo uma música já boto pra tocar! *[Risos.]*

Vitor: Foi naquele projeto que o pai criou, que é o “Viola no Parque.” Então eu fui lá, toquei, nervoso pra caramba. Aí logo em seguida... Que estava assim, a gente tinha uma aula, depois de um mês tinha outra, era bem descompassado. Aí eu fui e entrei na Escola de Música [de Brasília] pra estudar com ele. Que aí falei: “agora não tem jeito, toda semana querendo ou não ele vai ter que me dar aula!” *[Risos.]* Aí começou a andar mais rápido. Eu aprendia outra música, eu já tocava mais outra música [nos shows]. Ou seja, eu comecei a aprender tocando as músicas que ele tocava em show. Aí eu fui fazendo, fui fazendo. Aí entrei na banda dele que na época chamava Marcos Mesquita e Banda. E tinha os meus amigos também, a gente começou a tocar junto, comecei a tocar com eles e meu sonho era tocar guitarra. Só que o meu pai não [queria]: “guitarrista tem muito, vai ser violeiro.” E eu achei “ainda bem”, porque realmente, pro cara ser guitarrista o cara tem que ser muito diferente, porque tem muita gente. E o violeiro de certa forma a gente tem menos, vamos dizer assim - a área de trabalho é maior pra cada um. E foi bom essa oportunidade. Aí eu comecei a tocar, tocar, e depois a gente criou o “Viola Progressiva”.

Marcos: Mas a gente teve a Banda Violeira.

Vitor: Ah é.

Marcos: O “Viola Progressiva”, que é o nosso duo. De 2014 pra cá eu me apresento como Viola Progressiva, parei de me apresentar com o nome como Marcos Mesquita. O cara me chama, Marcos, mas vai eu e ele. Agora está assim, me ligou vamos os dois, a não ser que seja uma coisa muito específica. Eu sempre tive o pensamento, com esse negócio de dar aula, ficar seis ou sete anos com o aluno, oito anos. Aí acabava que os caras, muitos paravam de tocar. Já tive muitos alunos, mas poucos formaram porque às vezes o cara saía no último semestre. Já tive alguns que saíram no último semestre. E muitos paravam de tocar e iam ser funcionários públicos e às vezes perdia até o contato. Aí eu pensei, vou fazer um grupo que mantenha o pessoal tocando, que a gente continuasse convivendo e os caras continuem tocando. Aí fiz, não tinha nome ainda não, foram sete músicos, violeiros. Nós éramos sete. Tem aquele filme, aquela novela que éramos seis, aquele livro, agora éramos sete! Mas desses sete só quatro não continuaram dentro dessa proposta. A primeira música que a gente fez foi o arranjo de “Michele”. Fiz pra três violas, quatro violas. E aí ficaram. Quem ficou? Ficou o Vitor, já tinha entrado. Eu, Vitor, o André Melo, que formou na Escola de Música [de Brasília] e Fábio também, que formou na Escola de Música [de Brasília] comigo. E aí tocamos uns seis, sete, uns sete anos. Ensaiaava todos, ensaiaava sempre. E a gente desenvolveu nesse período um lance muito progressivo, chegamos a fazer até uns arranjos pra música do...

Vitor: Guerra-Peixe.

Marcos: Guerra-Peixe, naquele Sonora Brasil, ficou até legal. Mas o pessoal eu não sei se não ouviu a gente tocar ou não gostou... Não sei, mas ficou muito bom. Até tem no You Tube lá a gente tocando Guerra-Peixe. A gente fez os arranjos pra participar do Sonora. Tinha que tocar Guerra-Peixe ou Cláudio Santoro, a gente achou que o Guerra-Peixe batia mais. Aí fizemos também além do nosso trabalho, e tocamos em vários lugares durante uns sete anos. Só que cada um foi... O Fábio foi pra São Paulo, o André parou de tocar, arrumou outra profissão. Aí ficou eu e o Vitor. Aí o Vitor continuou, a gente continua. Ele continuou tocando na minha banda e a gente continuou desenvolvendo aqueles arranjos. Então todos os arranjos que a gente fazia na banda Marcos Mesquita e Banda, agora eu já me apresentava assim: “a viola progressiva de Marcos Mesquita” - que esse nome Viola Progressiva fui eu que inventei. Demorei anos até encontrar uma palavra, uma frase que identificasse o meu trabalho. E aí o Vitor já estava há oito anos tocando comigo. E os arranjos, quase tudo somos eu e ele tocando. Às vezes ele quem solava, não era nem eu. Aí eu falei: “ah, vou dar uma promoção no rapaz.” *[Risos.]*

Vitor: Fui promovido!

Marcos: Você vai virar titular agora! *[Risos.]* Saiu do juvenil... E aí fizemos. Eu falei: “vamos fazer um duo, vamos fazer uma dupla. Agora vai ser eu e você o trabalho.” Aí então você deu o nome, não é?

Vitor: É, “Viola Progressiva”.

Marcos: Aí ele falou: “então vamos botar o nome de Viola Progressiva”. Esse tipo de arranjo, de trabalho que a gente faz, tem muito a ver com a banda que a gente desenvolveu durante sete anos na Banda Violeira. O tipo de mentalidade e arranjo. A gente então teve arranjo, por exemplo, “Michele”: eram quatro violas, passou pra duas... Aí tem que criar algumas diferenças, algumas coisas diferentes. E nisso a gente tem algumas parcerias. É isso, estamos progredindo.

Domingos: Poderiam tocar alguma parceria de vocês?

Marcos: É, vamos tocar aqui. Essa música demoramos dez anos pra fazer. Antes de começar a tocar eu comecei a fazer essa música. Aí ele começou a tocar, pá, pá, e eu não conseguia terminar a música. Aí eu criei uma música, um tema chamado carruagem. Tinha essa levada aqui, *[toca na viola.]* Parece uma carruagem andando. Aí depois eu criei um... *[Toca na viola.]* Me lembra uma coisa tipo de reinado, aí eu achei que dava pra combinar a carruagem do rei. Só que eu não conseguia juntar uma coisa com a outra. Aí ele já estava tocando e ele inventou uma ponte entre uma coisa e outra, consegui juntar os dois temas. Mas também não conseguia terminar. Aí fui desenvolvendo a música e sabe o que é você não ter fim a música? Não conseguia chegar num lugar. Aí ele criou uma levada e uma harmonia

diferente, totalmente diferente do que vinha a música no final. Era totalmente diferente o que vinha. Aí ele criou e então eu consegui terminar. Eu fiz praticamente a melodia quase toda. Uma boa parte da melodia eu fiz quase toda, mas essa ponte melódica que ele fez e essa harmonia e ritmo que ele fez no final foi o que terminou. Mas esse processo todo foram uns dez anos. O nome é “Carruagem do rei”. É o nome do nosso próximo disco pra ser lançado em 2018.

Vitor: É, meu pai tem uma característica assim, ele é bem obstinado. Ele está tocando uma coisa... Mas porque a pessoa perguntou pra ele: “você sabe tocar o Hino Nacional?” Ele falou: “sei.” Só que não sabia. Então a semana que vem vai ter um evento...

Marcos: Não, daqui a vinte dias...

Vitor: É, daqui a vinte dias, tal. Aí ele ficou dali até o dia lá só tocando o Hino Nacional.

Marcos: É, oito horas por dia. É que a primeira apresentação da música era só pra duas mil pessoas, mil e duzentas pessoas, mais um monte de televisão, o Gilberto Gil lá, ministro e tudo mais - Prêmio Cultura Viva. Essa de uma semana foi depois que eu já tocava com a Banda Viroleira. Aí me indicaram pra um encontro que tem anual, um encontro do Banco do Brasil, funcionários do Banco do Brasil e da Caixa Econômica, tem um encontro. Aí eles sempre contratam alguém pra tocar o Hino Nacional. Aí o pessoal do Mambembriantes tinha tocado no ano anterior e me indicaram. Aí o cara falou: “você toca o Hino Nacional?” “Toco”. Isso eu já tocava já. Falei pra ele assim: “mas só que eu quero tocar”, isso falei assim, dez dias antes: “Mas eu vou tocar com quatro violas.” E assim tinha dez dias pra fazer todo o arranjo e decorar ele todinho. A gente tocava, ensaiava umas trinta horas por semana até... Até gemia de cansaço! Aí fizemos. Que tem essas coisas assim...

Vitor: Então essa música que a gente vai tocar agora ela, a base dela é: *[demonstra na viola.]* Ou seja, fica o tempo todo, os dedos presos assim e é pesado. E na época que meu pai estava compondo eu ficava um monte... Eu era a base enquanto meu pai ficava viajando. E eu ficava... Só que não passava disso. Eu falei: “pai, vamos fazer uma coisa diferente.” *[Demonstra na viola]*, que aí relaxava a minha mão...

Marcos: Aí foi o final da música.

Vitor: Aí terminou porque eu não estava aguentando mais!

Marcos: Nem eu também não, só que não saía daquilo, ficava rodando em círculos. Eu não sabia mais pra onde eu ia. Aí ele entrou e fez essa levada, conseguiu sair! *[Risos.]* Conseguiu terminar a música que eu não estava aguentando mais. Seis minutos de música, de melodia progressiva. Tomara que a gente acerte, vamos lá!

[Vitor Mesquita na viola caipira e Marcos Mesquita, também na viola caipira, tocam a música instrumental “Carruagem do Rei”, de autoria de Marcos Mesquita e Vitor Mesquita:]

Vitor: Ah, eu sempre busquei dividir... Quando eu entrei na Escola [de Música de Brasília] todo mundo falava: “ah, filho do Marcos e tal... Tem colher de chá pra ele.” Então, assunto da Escola eu falava na Escola. Buscava fazer isso porque a gente sempre se encontrava, eu morava com ele, então... Claro que eu aprendia coisas, mas o assunto currículo escolar mesmo era só lá na Escola. Pra mim é bom poder estudar com o meu pai, também procurei aprender com outros violeiros. Considero que eu aprendi muita coisa também com o Fernando Deghi, com o Roberto Corrêa. Eu fiquei um ano estudando também com o Roberto lá na Escola, fiz curso de verão com o Fernando Deghi... Com o Ricardo Vignini também volta e meia a gente troca algumas informações. Pergunto alguma coisa pra ele, ele me fala e tal. Então acho que é importante pra gente, as referências nossas... O que a gente puder aproveitar deles. Basicamente isso.

Domingos: E você tem uma identificação com a cultura e o repertório caipira?

Vitor: É, eu na minha infância, com o meu pai... A gente sempre estudou muito rock lá em casa. A gente ia no carro e às vezes meu pai botava um Tião Carreiro ou um Zé Mulato e Cassiano e a gente achava um saco, eu e minha irmã. Achava um saco mesmo, mas com o tempo a gente vai amadurecendo. A gente vai vendo como é grande essa música. Como é grandiosa, como tem muita qualidade. Então, assim, eu estou aprendendo a conhecer. Eu não posso dizer que eu conheço ainda a música caipira ainda, mas, por exemplo, eu toco a viola caipira. Mas eu estou conhecendo... Tanto que a gente fez esse trabalho “Encontro [Nacional] de Violeiros [On-Line]”. Pra mim, o mais impressionante, o prêmio mais grandioso foi quando a gente conheceu o Índio Cachoeira e o Zé Mulato e Cassiano. Realmente foi assim...

Marcos: O Zé Mulato a gente já conhecia...

Vitor: É, já conhecia, mas quando a gente encontrou com eles e tal... A gente vê como a presença da música raiz é forte.

Domingos: Marcos, você poderia falar um pouquinho desse projeto?

Marcos: É, esse projeto começou mesmo.... Trabalhamos nessa produção o Vitor... Todos os três trabalham na produção, mas principalmente o Vitor e a Raquel, minha filha, que é produtora. Eles que encamparam mais, que trouxeram mais o projeto. E então nós fizemos juntos o “1º Encontro Nacional de Violeiros On-line”. Na mesma época eu vi lá em São Paulo o trabalho de vocês também, achei legal. Coincidentemente, na mesma época que eu estava

gravando lá em São Paulo. Porque a ideia é gravar vídeos de violeiros. E fizemos vinte e um vídeos aproximadamente, depois de editado, média de quarenta minutos aproximadamente cada vídeo. Tem vídeo que chegou a uma hora. Mas gravamos vinte e um trabalhos, sendo que um deles foi o meu trabalho. Nesse focou mais Marcos Mesquita, apesar de que Vitor tocou comigo também. E todos falaram também de suas origens, desde avós, pais e avós. Falaram coisas do Brasil, foi uma aula de Brasil também. Nós gravamos, por exemplo, eu vou citar alguns aqui: Zé Mulato e Cassiano, Índio Cachoeira, Fernando Deghi, Ivan Vilela, Seu Badia Medeiros, Ricardo Vignini, Chico Lobo, Júlio Santin, Adriana Farias, que eu não conhecia, conhecemos lá. Achei maravilhoso o trabalho, vídeo muito bom, cantora excepcional. E pessoal de Brasília também. Aqui gravamos Aparício Ribeiro, Fábio Miranda, que fazia parte da banda Violeira, mas está em São Paulo. E a nossa ideia é continuar com esse trabalho. Porque nos primeiros cinco minutos, quando a gente resolveu fazer esse projeto Encontro de Violeiros On-line, em cinco minutos nós levantamos nome de setenta violeiros. Quer dizer, isso na semana seguinte já tinha mais de cem que a gente tinha na cabeça. Inclusive o Domingos aí é um deles... Porque também tem pessoas que são já consagradas e outros que estão [começando], mas tocam muito bem, têm alguma coisa a mostrar, têm alguma coisa a falar. E é isso aí. Então a gente teve a Carol Carneiro também, que foi minha aluna na Escola de Música [de Brasília], formou lá. Ela já trabalha a viola na música nordestina, toca muito bem, canta muito bem. Então deu uma parte, gente de gerações diferentes mostrando todo esse potencial. E foi muito bom pra gente, rodamos cinco mil quilômetros.

Vitor: É. A gente estava conversando, porque hoje em dia a internet é um meio pouco explorado pela música em si. Os músicos têm Fanpage, têm You Tube e tal mas assim, é bem... Tem muita coisa que a gente pode explorar nela e a gente estava conversando sobre encontros de violeiros que tinham. A gente pensou: “cara, vamos fazer um encontro on-line”. A Raquel que falou essa ideia. Aí a gente: “tá, vamos fazer”. Nem estava no nosso planejamento em termos de trabalho ano passado, era outro naquela época. A gente mudou tudo e “vamos lá, vamos fazer”. A gente viu a ideia legal, porque antigamente tinha aqueles encontros em Ribeirão Preto que tinha violeiro pra caramba. Onde na verdade os violeiros mais se conheceram. Por exemplo, meu pai conheceu a maioria dos violeiros...

Marcos: Foram nesses encontros de violeiros, nacionais...

Vitor: É, conheceu nesses encontros que o pessoal ia, pegava um ônibus, todo mundo ia lá. Era super legal e hoje em dia, pela situação que a gente vive em termos de estado, de país, fica mais difícil a gente fazer esses encontros. Fica caro. Então a gente falou: “vamos fazer o seguinte...” A gente já tinha uma certa estrutura de filmagem, dessas coisas. “Vamos filmar o pessoal e a gente vai disponibilizar na internet como se fosse uma coisa acontecendo naquele momento.” E foi bem legal a repercussão que as pessoas, muita gente falava: “poxa, mas eu não posso porque eu não dirijo mais na estrada.” “Não, mas é na internet.” “Eu sei,

mas fica longe da minha cidade!” *[Risos.]* Era engraçado as pessoas falando... E foi bem legal, uma experiência nova.

Domingos: E qual a importância de documentar violeiros, filmar, registrar?

Vitor: Por exemplo, eu entrei agora no Clube do Choro, estou dando aula lá agora. O Pedro me pediu para eu substituir ele. E assim, eu comparo muito, por exemplo, a viola com o bandolim. Hoje em dia o bandolim você vê em quase todos os gêneros, musicalmente ele expandiu bastante. Mas eu não conheço nenhum instrumento que tem uma raiz tão forte como a viola. Não sei se é porque ficou o nome caipira... Viola caipira. Talvez se fosse viola brasileira não fosse mais, como o violão popular. Mas eu acho que a gente tem uma raiz que está acabando, de certa forma. Você vê poucos violeiros antigos. E as referências estão cada vez ficando mais antigas. Ricardo Vignini até falou um recado pra gente que é novo: “você têm que tocar pra gente nova. Porque a referência de vocês é o Almir Sater, se vocês ficarem com o público do Almir Sater, quando você chegar na idade dele teu público já vai ter morrido. Então vocês têm que inovar, tem que fazer coisas novas pra fazer a viola crescer.” Eu achei legal essa percepção dele. Então eu acho que esse trabalho de documentar a nossa cultura é muito importante. Eu acho que quanto mais gente fizer, melhor. Porque de certa forma, o que a gente fez aqui agora eu fiz com meu pai, por exemplo, filmei meu pai. Aqui ele falou coisas a mais que não falou com a gente. E lá ele falou outras coisas que aqui não falou, entende? Então sempre vai crescer, mesmo que a gente repita as pessoas. Eu acho que esse trabalho é importante ser feito.

Domingos: Você acha que o fato de ter sido encontro on-line acessou mais os jovens?

Vitor: Mais ou menos. Na verdade, porque é uma linguagem muito diferente pra viola caipira. On-line? Encontro on-line? A gente viu que temos que encontrar uma forma das pessoas conseguirem entender o quê que é isso, entendeu? A gente até pensou em fazer um DVD e tal. Mas por exemplo, a gente foi trocando uns CDs com o pessoal na viagem. Então aí o pessoal falou: “cara, eu só ouvi teu CD por spotify porque eu não tenho nem CD mais”, músico, o cara. Imagina se a gente fizesse um DVD, que a gente pensou na época... Então assim, coisas pra se pensar. E também pensar também: “pô, se um dia não tiver internet, vai se perder tudo também.”

Marcos: É. No Encontro, por exemplo, apareceu o Índio Cachoeira tocando slide num violãozinho que ele fez. Ricardo Vignini que é quem atualmente produz o Índio, já levou até pra França e tudo, nunca tinha visto o Índio tocar de slide. E vive constantemente com ele. Apareceu ali. E contando história desde a infância, de criança, como foi a vida dele, que ele foi motorista de caminhão, lutador de box e assim coisas interessantes. Seu Badia Medeiros, trabalhador rural, sustentou a família toda com trabalho rural, desde os sete anos, doze anos de idade, ajudando a mãe, que o pai morreu. Então histórias incríveis, aulas de Brasil. E

além disso também o contato, essa ligação, que eu acho que é uma das coisas mais importantes. Esse contato que a gente teve com os violeiros e que a gente quer continuar tendo, que a gente quer expandir. As coisas geralmente têm essa união assim. Porque ficar reclamando da grande mídia, isso aí é coisa de fracassado, entendeu? A gente tem que entrar na grande mídia. Tem que entrar na grande mídia e a gente ser a grande mídia, está entendendo? Pô, eu não sou contra a Globo. Eu sou muito bem respeitado por ela. Por que eu sou contra a Globo? Ela pode passar um monte de besteira, como todas as televisões passam besteira. Todas, todas. Nenhum canal, nenhum, entendeu? Mas pô, os caras toda vez que eu vou lá eles me respeitam. Sou respeitado como profissional, entendeu? Os caras me ligaram pra eu ir tocar uma música minha no Globo Rural. Eu estava lá de férias, eles: “estou há quinze dias te procurando, não sei o quê. Já está pago, vou passar e tal.” Depositaram a grana na minha conta. Um tratamento super profissional. Agora é a gente fazer a nossa mídia... Quando a gente estava lançando o Encontro de Violeiros On-line é que eu conheci o trabalho de vocês lá de São Paulo. E aí vi outras pessoas fazendo outro trabalho também. Aí eu poderia assim pensar “poxa, concorrente meu.” Que nada, achei bom demais! Quanto mais gente fizer melhor porque nós estamos unindo. A síntese de tudo é união. Unir. Porque a gente unindo, fazendo shows juntos, aí é isso que aparece. Daquela época, vou dar um exemplo. Ali na Bahia, Caetano, Gil, Gal, eles estavam sempre junto ali. Aquele pessoal do axé, eles estão sempre se entrelaçando um com o outro. Então faz aquele grupo de pessoas fazendo aquele movimento... É isso que acontece se a gente fizer isso com a viola. E um aprender com o outro. A gente não tem a mesma sistematização ainda, que tem no violão, no choro, em sistematização de ensino. Mas eu acredito que dentro dessa próxima década vai ter uma sistematização de ensino, assim, mais formal. E dentro desse formal também tem a parte que eu te falei, da parte de sentimento, do *swing* caipira. Isso pode ser aprendido na escola também. Não é caretão assim, você vai aprender também... Na escola também se aprende sentimento. Se aprende a liberar sentimento, se aprende você estar perceptivo, estar inspirado. Inspiração é uma coisa que a gente pode aprender como se fosse uma antena. A gente pode aprender a conectar essa antena mais vezes, entendeu? Isso é uma coisa que se aprende também. Mas desde que não haja vaidade. Porque como diz o Zé Mulato naquela música: “basta um pouco de heroísmo que o dom vira fumaça.” Mas é a realidade. Inspiração vem pela abertura, como se fosse uma criança que vem abrir a cachola aqui. E isso a gente pode fazer em conjunto, entendeu? Muito bom. A gente nunca vê o outro violeiro como concorrente. Quanto mais a gente vê tocando bem... Eu fico mais animado. Já vi pessoas falando assim: “pô aquele cara toca tão bem que eu fico até com vontade de parar.” Eu não. Quanto mais vejo um cara melhor, mais vontade de tocar tenho, que eu fico querendo tocar igual aquele cara. Não é “tocar igual.” Eu quero... “Pô, o cara me mostrou coisas que eu não faço ainda, eu estou a fim”, entendeu? Eu nunca tive medo de concorrência e acredito que eu não vá ter. Porque se a gente tiver um sentimento mais de união entre as pessoas profissionais da viola... Eu acho que a grande maioria tem esse sentimento porque... A receptividade, sempre fomos muito bem recebidos nesse encontro de violeiros, todos receberam muito bem a gente. Eu já conhecia quase

todos, mas quem não conhecia assim pessoalmente era o Índio e a Adriana. Mas receberam a gente muito bem. É isso aí, quanto mais gente fizer movimento quem está ganhando somos todos nós. Pensar assim, sozinho a gente não ganha nada, a gente ganha muito pouco. Ganha solidão, entendeu? Unido a gente ganha união. Então isso que é o grande lance, tem que ser inteligente, entendeu? Ficar escondendo o ouro... Se eu posso ensinar alguém eu vou ensinar. Na verdade, eu estou mais aprendendo do que ensinando. O Almir Sater, por exemplo, é um cara que é mais na dele assim. Mas uma vez eu estava tocando com o Almir e eu me lembro que ele ficava olhando pro braço da viola, você via que ele estava interessado em alguma coisa que eu estava fazendo ali. Você vê que a pessoa, com toda fama - é o violeiro que mais conseguiu amplitude na mídia -, um cara simples, entendeu? Trata todo mundo igual, isso é uma coisa legal. E ah, “o melhor”, “ser o melhor”, melhor em quê? Esse é o grande lance, é união, é junção de forças. E o material, como vocês estão fazendo... Então o material está todo guardado, isso pode ser redivulgado em qualquer época. Se for preservado pode ser divulgado em canais de televisão e tudo. Como vocês podem fazer isso. Então o material foi registrado e queremos continuar.

Domingos: Você acha importante para quem está aprendendo a tocar o instrumento, ou até quem já toca, essa convivência com os violeiros mais antigos, com os mestres?

Marcos: Eu acho que sim. A sensação é a seguinte: todas as coisas que eu já aprendi, eu já tive professor de natação, de capoeira, de um monte de coisa, de instrumento, de violão... Eu sempre fico com a sensação de que aproveitei pouco. Poderia ter aproveitado muito mais. E eu também sinto que meus alunos aproveitam pouco de mim. Como que aproveita? Estudando muito mais. Que aí me obriga a passar mais coisas, entendeu? Se o cara não estuda... Entendeu? Então das mesmas coisas, eu acho que a gente aproveita pouco. Às vezes a família, aproveita pouco, entendeu? Eu sempre fui uma pessoa dedicada aos meus filhos, por exemplo. Mas sempre e mesmo assim, vivi muito com meus filhos, até hoje. Mas sempre parecia que o tempo escorria na mão, mesmo assim ainda achava pouco. E assim a gente aproveitar os caras que estão aí, entendeu? Por exemplo, o Índio Cachoeira já está com 67 anos, o Zé Mulato também, já estão com uma certa idade. Aproveitar, eu acho que a gente tem que investir em encontrar com pessoas. Não só as antigas. Você fala muito em mestre assim. Eu pra falar a verdade, esses mestres mais desse pessoal, que se pesquisa aí pelo interiorzão mesmo, bem na roça mesmo, eu não conheci nenhum pessoalmente, entendeu? Não tenho vergonha de dizer porque como falei, pela minha disponibilidade de tempo eu investi mais no desenvolvimento do instrumento. Estou investindo. Mas se aparece um vídeo eu procuro registrar aquele vídeo, pra aprender. Tudo que eu estou podendo fazer... Inclusive esse ano aí se puder eu vou, quero ver as pessoas que estão vivas, porque é uma geração está acabando. Por mais que se toque música caipira... Por exemplo, você vê o Índio Cachoeira tocando uma moda de viola, um pagode, é diferente. E ao mesmo tempo, por exemplo, eu fico compartilhando com a galera do Facebook, tem vários garotos, rapaziada nova, de vinte e poucos anos e menos de vinte. Eu vou lá e dou um comentário,

compartilho, quando eu acho bom. É que eu tenho visto muita coisa boa. Não gosto também de ficar assim só fazendo média, mas eu acho legal, estou compartilhando. E assim todos nós temos que fazer, eu acho. Compartilhar as coisas dos outros. Porque... Essa coisa é engraçada. Quando a gente começou a fazer esse encontro as pessoas começaram a compartilhar coisas nossas que não compartilhavam, entendeu? Aí começou um auto compartilhamento maior. Eu senti isso. Até o Valdir Verona, por exemplo, lá do Sul, que a gente conheceu nesse encontro. Liguei pra ele, pra alguns violeiros eu tive tempo de ligar. Eu liguei: “vou dar uma satisfação, você não está nesse vídeo porque a gente está com pouco recurso. Não podemos gravar todo mundo ao mesmo tempo, mas pretendemos gravar você.” Aí durante o encontro ele divulgava, ele compartilhava tudo que a gente fazia. Depois que eu dei telefonema pra ele aí ele se tocou e assim comecei. Aí é interessante, que lançam um livro, lançam um disco, a gente está compartilhando. A gente tem que contar uns com os outros, está entendendo? Isso é que é o grande lance porque não se restringe aos violeiros, mas à população do Brasil como um todo. A gente tem que contar uns com os outros. A gente tem que botar a moral e a honra acima de tudo, entendeu? Mostrar que a gente não é um bando de gente safada, como parece que o Brasil é. Se tem gente honrada, vamos ser honrados. E um ajudando o outro, acho que é o lance. Que eu acho que o principal desse encontro é isso. Lógico, o registro maravilhoso, o material que a gente está na mão é excepcional.

Domingos: Marcos, você nasceu no Rio e veio pra cá, você se sente brasileiro?

Marcos: É, sou um candango, não é? Candangos são aqueles que vieram construir Brasília. E de certa forma eu ajudei a construir Brasília. Meu pai veio trabalhando, ele veio a trabalho, exerceu vários cargos públicos importantes. Principalmente na área social, na medicina, meu pai foi o primeiro Secretário de Serviço Social em Brasília. Fez projetos que hoje em dia seriam necessários pra jovens abandonados. Projeto que virou referência nacional, até vem gente do exterior ver esse projeto que é um projeto totalmente atual, que não existe nada, não conheço nada atual. Então... E eu ajudei a crescer, crescendo, sou mais um vivente em Brasília. Mas sou candango porque a gente veio construir. A cultura se constrói por pessoas. A cultura... Tudo se cultua, não só a arte, é o jeito de comer, de falar... Por isso sempre digo que eu sou candango. Sou torcedor do Fluminense que está em baixa, mas... *[Risos.]* Meu pai era corredor amador e corria no Fluminense. Ele é flamenguista, mas corria no clube Fluminense. Eu não cheguei a pegar essa fase porque eu vim neném pra cá, mas todo mundo virou Fluminense. Eu sou o mais novo, fui na onda dos meus irmãos.

Domingos: Vitor, e você se sente como aqui em Brasília, brasileiro?

Vitor: É, eu sou brasileiro, nasci aqui. Eu gosto muito de Brasília. Eu falo que se eu fosse pra mudar de Brasília só se fosse pra uma cidade de praia. Só isso. Porque eu vejo gente igual o Fábio. Eu falo: “Fábio, você é doido, sair de Brasília pra ir pra São Paulo, cara, não faça isso

nem a pau.” Porque Brasília é uma cidade assim, ela tem suas... O pessoal diz que é uma cidade distante, as pessoas são meio distantes assim, mas é uma cidade muito boa. Tem cultura, tem qualidade de vida, eu gosto de Brasília por causa disso. E a gente gosta de fazer esporte e tal. Faço triathlon então, pra mim, geograficamente Brasília é bom pra isso também. E de certa forma, se a gente for ver, na viola caipira tem grandes referências que estão em Brasília, nacionalmente falando. Eu gosto de Brasília.

Domingos: Qual que é a relação do esporte com a viola?

Vitor: Meu pai falou, ele nunca imaginou ser músico. Meu sonho também era ser atleta, eu nadava e tal. Só que aí eu tive com oito anos, eu aprendi a nadar bem cedo, com oito anos eu estava nadando lá na Água Mineral. Meu pai me ensinou a nadar lá. E a gente ia todo dia pra lá, todo dia. Aí, dando a volta na piscina, eu caí no lado de uma pedra lá e tive hemorragia interna, não sei o quê... Aí fui pro hospital e fiz cirurgia. Isso pequenininho. Porque o esporte é aquele negócio, tem que começar muito cedo. E aí eu recuperei, voltei, mas já perdi um pouco o ritmo. Estava pegando ritmo de novo, tive apendicite, outra cirurgia e tal. Então a vida foi mostrando que não era pra fazer isso. Mas eu continuo fazendo até hoje. E eu quero fazer um dia um projeto em que eu junte o esporte com a música. Estou bolando, vamos ver o que vai acontecer.

Domingos: Como você acha que vai ficar a viola caipira daqui pra frente?

Vitor: O Pedro, ele me passou essa responsabilidade de assumir a viola lá no Clube do Choro. Até a coordenação pediu pra eu incluir a viola no choro. E uma coisa que eu sempre notei, desde que comecei a estudar lá na Escola [de Música da Brasília] é que os alunos de viola sempre estão reunidos só com alunos de viola, raramente eles estão com outros instrumentos. Aí você vê os outros instrumentos, violão, guitarra, baixo, todo mundo misturado. E eu acho que daqui uns anos, a gente que é de uma nova geração, a gente vai ter de conseguir romper isso, sabe? Esse paradigma que viola só toca uma coisa. Até o Ricardo fala... O pessoal chega: “ah, eu quero tocar Led Zeppelin, você me ensina na viola e tal?” Sim, mas primeiro vou te ensinar o Tião Carreiro. Acho isso importante a gente valorizar. Mas é importante a gente também mostrar para as pessoas que a viola não é... É como se fosse um cavaquinho, um bandolim, em termos de instrumento. Então eu acho que daqui uns anos a gente vai ter... Acho que é o Fernando Deghi que diz, que esse século é o século da viola. Então eu acredito nessa promessa dele.

Marcos: E que seja dos violeiros também ganharem dinheiro... *[Risos.]*

Vitor: É! *[Risos.]*

Domingos: Vocês poderiam tocar mais alguma composição do Viola Progressiva?

[Marcos Mesquita, canta e toca com viola caipira ao lado de Vitor Mesquita, com violão de cordas de aço e harmônica, a música “Nas Águas Azuis do Mar”, de autoria de Marcos Mesquita:]

*Sob o manto azul deste céu
Vou flutuando nas águas azuis do mar
Sob a luz deste sol a brilhar
Vou nadando pra me encontrar
Sob o azul do céu
Vou flutuando nas águas azuis do mar
Sob a luz lá no céu a brilhar
Vou nadando, pra me encontrar
Ó natureza estou aqui
Quero aprender com você ó mãe
Ó água, bendita água
Vou...*

*Vou flutuando nas águas azuis do mar
Sob o azul deste céu
Sob a luz do sol vou nadando pra te encontrar
Ó natureza estou aqui,
Quero aprender com você ó mãe
Ó água, bendita água, estou aqui
Ó natureza estou aqui
Quero aprender com você ó mãe
Ó água, bendita água, estou aqui
Estou aqui
Cheguei aqui.*

[Marcos Mesquita toca com viola caipira ao lado de Vitor Mesquita, também com viola caipira, a música instrumental “Selma”, de autoria de Marcos Mesquita.]

Domingos: Vitor, se você fosse uma música, qual seria?

Vitor: Se eu fosse uma música? Ah, não sei! Ah, “Shine on you crazy diamond”, do Pink Floyd. Pra mim é a música assim que eu não consigo enjoar de jeito nenhum. Acho que seria ela, então. Porque a gente não pode enjoar da gente mesmo, então acho que seria ela...

Domingos: Marcos, o que é pra você memória?

Marcos: Memória? Memória é o que a gente incorpora na gente, que mora dentro da gente. Entendeu? Memória mora dentro da gente. E a memória é como se fosse num jardim uma flor. Você tem que estar sempre regando senão ela morre, entendeu? A memória é tudo, porque memória é raiz... Tem aquela filosofia que fala assim: “siga em frente sem olhar pra trás.” Eu não, só se for pra deixar coisa ruim. Por muitas vezes seguir em frente sem olhar pra trás, muita gente é ingrata, esquece quem ajudou ele no começo. E a gente quando nasce, nasce numa família. A gente nasce criança mais puro, mais puro num sentido, não que seja mais evoluído, mas puro assim, de menos sujeira. E com o tempo a gente vai crescendo, levando as cacetadas da vida. A criança consegue aprender tudo rápido, por quê? Porque a cabeça dela está livre. Aí a gente vai gravando as coisas na memória, algumas coisas vão ficando na memória. Lápis. Lápis não, como vou dizer? É... Traços. Então muitas coisas boas... No início da nossa vida, muita coisa da nossa essência está mais ali presente do que muitas vezes depois. De tantas máscaras que as pessoas ouvem. Memória... A pessoa fala logo a memória cultural. Tudo é memória. Memória é uma coisa muito ampla, mas está ligada justamente a isso. Porque quando você fala: “preservação da música caipira”, por exemplo, da viola, por exemplo, da “história da viola”. O quê é? Não é aquela coisa estética, é o quê? São os valores e sentimentos... Por que a viola é tão raiz? Porque eu costumo dizer que a sanfona e a viola são as principais rainhas da música brasileira. Porque eu digo que a maior parte da cultura brasileira não está no eixo Rio-São Paulo, formado em quinhentos anos. Está ou estava no interior, porque a devastação do meio ambiente através do agronegócio, todo mundo está vendo aí a olhos vistos, não devasta só parte de meio ambiente, mas toda a cultura que acontecia naquele local, não é? Tanto é que essa, aqueles cantos tradicionais de trabalho, religiosos, na cidade de São Paulo não permanece. Permanecem traços, pequenos traços, pequenas lembranças. Mas aquela coisa cantada pelas próprias pessoas... *[Dedilha na viola.]* Toquei isso pro pai de uma amiga minha que mora lá no interior, lá perto de Montes Claros. Ele falou: “ah, lembro aqueles bailinhos lá no interior.” Eu falei: “ainda tem?” “Tem não.” Não tem, entendeu? Ele é aquele caboclo assim que ele fala até enrolado. É um matuto mesmo assim, quase índio. Eu quero lembrar o nome dele agora, o pai da Ana. Faleceu agora duas semanas atrás. Quer dizer, e com ele muita coisa, muita memória - que é uma pessoa das antigas, como ele diz. Então quer dizer, o que é memória? A essência desses valores todos. Como que a viola entrou na mídia? Através de uma novela chamada Pantanal, que o Almir Sater entrou pra fazer um bico, virou ele e o Cláudio Mazo os artistas principais da novela. E por que a novela fez sucesso? Porque ela trouxe valores, como respeito ao pai, coisas que estão na essência da cultura. E coisas que tem envolvidas na música. A música reflete o que se diz, o que se vive. Então essa memória nossa se passa, pode se passar de pai para filho. Se passa através de valores. Muitas vezes a memória você não lembra da canção. O cara, “mas eu não lembro da canção.” Como eu contei, não lembra da música que ele ouviu, mas ele lembra do sentimento, entendeu? Que precisa, mesmo esquecendo a canção é preciso ouvir a voz que vem do coração. Aquela música do Flávio Venturini, gravada pelo Milton também. Então é isso, memória é o que a gente consegue guardar dentro da gente. E é uma coisa muito importante, é uma das coisas

principais de um ser humano e de uma sociedade. É onde não se perde o rumo, entendeu? Por exemplo, quando se diz “de raiz”. A raiz, é importante ter raiz. Uma árvore, como se diz, é um dito antigo, uma árvore grande ela só cresce se tiver raiz, só se mantém em pé se tiver uma raiz. E não é só raiz assim, vamos dizer, raiz só aquela coisa caipira, não é isso. É raiz de essência que a gente tem. Por exemplo, meus pais foram envelhecendo, meu pai está vivo, minha mãe morreu. Aí eu fui sentindo a necessidade de me aproximar. Eu fui lembrando cada vez mais da minha infância, da essência. Quer dizer, coisa de quando a gente é livre e a gente não esconde nada. Criança, estão mais aflorados os sentimentos, a gente não levou tanta cacetada ainda. Então aí é a raiz... Porque eu acho que todo mundo tem os seus problemas com os pais, mas a raiz tem muito mais positivo do que negativo. Meu pai está vivo ainda. Então são essas boas raízes... Por exemplo, eu criei meus filhos na base, na arte do esporte. Meu pai, ele não desenvolveu isso, ele não proporcionou tanto assim da gente tocar, ser músico. Mas ao mesmo tempo a gente ouvia música o dia inteiro. Até hoje, meu pai está com noventa e cinco anos e ele ouve música clássica todo dia e alto. Bem alto. Aquelas orquestras, aqueles fortíssimos. Fui criado assim. Então de certa forma essa coisa que eu tenho, de ter um trabalho eclético, o Vitor também, ele herdou. Porque ele gostava de ouvir música, ele botava o sonzinho assim e ele gostava de ouvir, dormindo ouvindo música. Aí tinha dia que ele ouvia Pink Floyd, Eric Clapton, Almir Sater, Renato Andrade. Tinha dia que ele botava o Renato Andrade lá, entendeu? Então, por exemplo, eu ensinei isso pra ele, quer dizer, eu passei, eu mostrei para eles, eles tiveram a oportunidade. Então isso entrou na memória dele, entrou no coração, na memória. Então a memória é coisa muito importante, porque as pessoas deixam pra lá. Hoje em dia está tudo muito descartável. Coisa que a gente achava um absurdo hoje em dia está tudo normal. E ao mesmo tempo é tudo livre, mas você também não é livre porque você não pode falar nada. Mas eu acho que a gente pode falar o que a gente pensa respeitando todo mundo. Mas a memória de um país é uma coisa fundamental. Uma das coisas principais do Brasil, da crise moral, é falta de memória. Saber a origem... Nós como brasileiros perdemos um pouco ou muito o fio da meada. Então a gente tem que buscar nos ensinamentos dos antigos. O antigo não quer dizer só ali o Tião Carreiro, Bambico, Raul Torres. Não, é o Dorival Caymmi, quer dizer, daquela época lá, Milton, Noel Rosa... É, pessoas que são de uma geração em que você chegava num ônibus, não precisa ser velho não, tinha uma moça lá, o cara levanta e deixa ela sentar. Coisas que parecem pequenas, mas que são fundamentais hoje em dia. Tem a senhora, o cara fecha o olho finge que está dormindo. São coisas de cultura, são coisas de memória. Porque a memória está no... Coisa pra caramba eu estou falando da memória! Memória está na cabeça e está no coração. As duas coisas, entendeu? Então essas coisas todas são importantes a gente ter um resgate. Mas eu vejo que a juventude hoje em dia... Eu acho que a destruição do Brasil está crescente, do mundo, tem uma juventude muito ligada nessas coisas importantes assim, eu vejo. Pode não ser maioria, mas tem um bocado de gente que está ligada nesse negócio de... Pô, vamos recuperar o que está precisando recuperar, entendeu? Interessada, saber o quê, como é que foi, como que era. Eu sou de uma geração de Brasília, era pouquinha gente que morava aqui... Eu sou de uma

geração em extinção. Porque os que chegaram primeiro aqui, o *boom* de população foi forte em meados dos anos oitenta, que mudou. Inclusive no Brasil, não só... Mudou, foi justamente o final da ditadura. Aliás, começou os governos civis, não sou a favor da ditadura nada, mas coincidentemente aconteceu, as sequências, foi mudando o modelo de desenvolvimento do Brasil que causou toda essa desorganização, muita gente tumultuada. E quer dizer, o que aconteceu? A pessoa sai do interior, eu fui no interior, lugar mais seco do Ceará. Não tem nem capim. O cara tenta, tem as casinhas deles lá, eles encontram água, tem a cabrinha, tem umas cabras, porque cabra não morre tão fácil, que dá o leite. Agora, o cara tem uma casinha lá de adobe lá, simplesinha, mas tem. Ele vai precisar de grana, não tem nada. Não tem nada. A maioria que vem de pau-de-arara eles chegam, não tem nada e aí muitas vezes os filhos se perdem, as filhas. O cara vira um alcólatra, por que? Ele perdeu a raiz. Vou dizer uma coisa que tem a ver com isso que estou falando. Por exemplo, eu vi uma entrevista no Jô Soares, o cara especialista em escravatura, escravidão. Um cara internacional, a maior autoridade do planeta, brasileiro ele. Ele explicou por quê que índio nunca se submetia à escravidão. Por quê? Porque ele está dentro da terra dele, então ele tem raiz. Ele tem referência, então ele não se entrega. Agora, por que o negro? Porque o negro, ele saía - às vezes o cara era um rei lá na África. Ele saía e daí aqui ele era um ninguém. É a mesma coisa uma pessoa que sai do interior, ele é um ninguém, ele chega em São Paulo, em Brasília ele não é ninguém. Muitas vezes ele tem todo um círculo, às vezes ele era um cara importante na comunidade dele, era um festeiro, era um cara que tinha todo um círculo de amizades, era um cara muito querido. Ele chega na cidade grande é um de ninguém, ele não é nada. E vira mais um escravo. Entendeu? Eu fiz essa relação aqui agora, lembrei disso. Isso por quê? Está ligado com a memória, está ligado com a raiz. Isso dito, pra você tornar uma pessoa escrava você tem que tirar ele de onde ele mora e levar pra outro lugar. Você quer escravizar um brasileiro... Assim, nós já estamos escravos como população numa série de coisas, mas assim, escravo assim no sentido assim de trabalho forçado. Você tira o cara daqui, geralmente tira ele do lugar. O Brasil são vários países dentro de um só. Podemos dizer, um país continental. O cara sai lá do Nordeste para lá, ali na avenida São João, Estação da Luz, e o cara fica totalmente sem rumo, não é? Então é isso. A memória está relacionada à cultura, a cultura está relacionada ao meio ambiente, está tudo uma coisa entrelaçada só. Estamos aqui debaixo de um pé de pitanga e um pé de acerola. Essa terra boa aqui. Tira essas duas árvores pra você ver o que acontece? Nós não temos mais o mesmo clima. Tanto que o sol vai bater como também a gente não tem aquele mesmo... Clima de sentimento. Você imagina tirar florestas inteiras, florestas e matas e matas e matas e matas, onde era tudo mato. Meu sogro, ele mora em fazenda desde que nasceu. Ele com nove anos já cuidava de uma fazenda sozinho. Comandou uma comitiva de cinco mil bois com nove anos de idade, imagina como é que era o mundo lá em Minas Gerais... Eu perguntei pra ele: "existia seca em Minas Gerais nessa época?" Acho que em vinte, trinta anos, secaram mais de quarenta riachos em Minas, por exemplo. Modifica-se tudo. Então quer dizer, falta de memória. Perderam o fio da meada. Outros talvez nunca tiveram, parece, já nasceram com a memória trocada. Geração. Então nossa esperança é isso, o que

eu vejo de importante é as pessoas se exporem falando as coisas que vivem, que sentem. E as pessoas acharem importante e irem divulgando aquilo ali, falando um pro outro. Que é por onde a gente vai salvar o Brasil. Esse encontro que nós estamos fazendo aqui, isso aí é um ponto de resistência cultural. Cultural no sentido assim, como eu falei, de valores também. As pessoas devem ter falado muitas coisas boas aí nessa coisa relacionada a pessoas, a Brasil, país. Então tudo isso tem que ser divulgado. Porque tudo vai entrando na memória das pessoas. Como é que você vai cobrar de um menino alguma expansão cultural se ele nasce num lugar, num morro ali às vezes, por exemplo, numa favela. Pai abandonou, ficou com a mãe que tem que ficar o dia todo trabalhando, tiro pra tudo quanto é lado. O que esse menino tem? Qual a oportunidade que esse menino tem? Agora, dá oportunidade pra um menino desse pra você ver o que acontece. Enche a memória dele de coisas positivas, ensina ele a fazer coisas, entendeu? Isso é fácil de fazer. Fácil assim... Difícil os caras terem amor no coração, entendeu? É difícil, mas o dinheiro que se tem, o recurso que tem no Brasil se faz tudo isso. O que a gente tem que fazer? Ficar reclamando de nada não. A gente tem que chegar e fazer coisas como essas que vocês estão fazendo. Pegar e veicular coisas positivas, veicular esse Brasil que muita gente não conhece. Entendeu? E arquivar esse material bem guardado e na hora que tiver podendo, ir chegando aos poucos na mídia grande, entendeu? É isso, é memória nossa. Memória, você não quer esquecer uma coisa. Por exemplo, uma música, não quero esquecer, eu fico sempre circulando por ali. Você não quer esquecer de alguém, você procura sempre estar vendo ela, de vez em quando você vê, de vez em quando você liga. Senão uma hora você esquece, entendeu? Assim que se faz. O cara sempre está circulando por aquilo ali. Por isso que é importante a junção, união das pessoas pra poder fazer isso aí, entendeu? Um puxa o outro. Um puxa o outro...

Domingos: E se você fosse uma música, qual seria?

Marcos: Olha, tem um mundaréu de música... Eu escolheria uma música chamada “Doze de Junho”, que eu fiz no dia do meu aniversário. Comecei a fazer, demorei um ano e meio... Um ano. Mas não vou tocar ela aqui, que está em outra viola, que é a afinação Rio-abaixo que não está aqui agora. Escolheria ela: “Doze de Junho”, que foi o dia do meu aniversário. Apesar de que tem muitas. A gente gravou música dos Beatles por exemplo, um disco, regravamos, fizemos versões instrumentais dos Beatles. Eu senti que as músicas eram todas nossas, minhas, uma hora veio bem claro. A gente estava fazendo um clipe do “Something” aí eu me lembrei em uma fração de segundos que eu ouvi aquela música quando era criança. Estava com cinquenta e sete anos ali, tocando aquela mesma música que eu ouvi. Em fração de segundos passaram-se décadas e eu senti: essa música é minha! *[Risos.]* Entendeu? Agora, se eu fosse uma música, essa do mar, por exemplo, é minha também. Mas eu botaria “Doze de Junho” que é uma música que faz parte, é uma música... É uma progressiva. Esse lance progressivo que eu tenho. Foi uma das primeiras que eu fiz, assim, progressivas. Ela veio no disco, CD Planalto Central. Então bota “Doze de Junho”.

Domingos: Você gravou quantos discos?

Marcos: Rapaz, era pra ter gravado mais. Mas em 1999 eu gravei, lancei... Que eu comecei minha carreira solo em 90, 1990. Eu estava no show, ele estava, foi o dia que foi o começo do “Viola Progressiva”, que ele estava no camarim com três meses de idade, no colo da mãe. Eu tenho até filmado isso. Eu comecei a carreira solo Marcos Mesquita e Banda em 1990. Aí em 1999 que eu consegui lançar o primeiro CD. Ia lançar em 1995, não deu, lancei em 1999. Aí depois demorei um tempão. Fui lançar o segundo seis anos depois, o “Planalto Central” que pretendo ainda relançar. Eu vendi muito pouco dele, que é uma coletânea. Na verdade, não é coletânea, são sete músicas minhas, três de outros autores, do Seu João, que faz minha viola, esse Advogado. O Emerson de Paula, um ex-aluno meu. E o Aparício Ribeiro que eu gravei, e aí é só música instrumental. Primeiro, meio cantada, meio instrumental. O segundo, Planalto Central, que a ideia desse Planalto Central seria gravar só composições de gente de Brasília ou que esteja já incorporado aqui. E depois fiquei esse tempão todo, não gravei. Fizemos muita música aí gravamos agora “Here comes the sun”, já com o Vitor. E já está praticamente gravado o “Carruagem do rei”, que é composição nossa também. Então são três discos instrumentais, praticamente. Posso dizer que gravamos quatro discos. Apesar que tem material pra gravar, um monte. Só que produzir disco não é só ter grana, é você ter tempo interno pra você parar, fazer as coisas, no seu dia-a-dia você estar ali. Agora que com o Viola Progressiva a gente começa a acelerar isso aí, com o Vitor e a Raquel, minha filha do meio, dando uma força na produção. Aí a gente talvez consiga produzir mais coisas. Porque enquanto estou vivo tocando, a gente está vivo. Porque a gente tem muita coisa pra gravar, muita coisa. E vem um CD cantado aí também, só música cantada. E é isso, quatro discos, um vai ser lançado em breve, pronto. Por enquanto! *[Risos.]* É pouco por quase trinta anos de carreira, mas foi o que deu pra fazer até agora.

Daniel: Como você definiria o som da viola?

Marcos: Cristalino. Som de cristal. *[Dedilha a viola.]* Som cristalino. Cristalino, misterioso.

Daniel: Tem guizo na tua viola?

Marcos: Pode ter numa outra que eu tenho lá, toda de caixeta. Tem oito guizos nela. Nunca botei não, mas esses dias meu cunhado pegou uma cascavel que tinha oito, aí pedi pra guardar, ele guardou. Agora esses dias ele pegou uma de doze, tinha doze coisos, acho que era. A história é que era dessa largura, mas cascavel desse tamanho geralmente é exagero, não era jiboia! Mas acho que eu já vi aqui perto de casa assim já. Mas aí eu não guardei, eu acho que ele não guardou pra mim não. Eu estou com vontade de começar a botar, aquele barulho ali, aquele barulhinho dentro.

Vitor: Devia ser uma jiboia com um carrapicho no rabo!

Marcos: É vai ver que era uma jiboia que tinha comido uma cascavel e aí botou de adereço ali, guardou de adereço o rabinho. Mas eu uso. Uso assim... Só tem numa por enquanto.

Domingos: Suas violas têm nome?

Marcos: Não botei nome não. Às vezes quando eu vou fazer relação de coisas pra viajar falo: a vermelhinha, a branquinha, não sei o quê. Já pensei em botar nome, mas não... Não deu vontade de botar nada não.

Daniel: E pra você o que é a vida?

Marcos: A vida? É uma chance. A vida é uma chance, uma oportunidade que a gente tem de viver. A vida se vive, não é? A vida é um movimento. A gente é a vida. Vida nós somos nós mesmos. Nós somos a vida. Por exemplo, eles falam assim: “Jesus, eu sou a verdade, o caminho e a vida.” O caminho. Eu vejo que nós também somos o caminho. Sem nós não existe nada. Não temos caminho se não tiver nós. E nós somos a vida também. E damos vida assim.

[Marcos Mesquita na viola caipira e Vitor Mesquita, também na viola caipira, tocam a música instrumental “Sinos na Varanda”, de autoria de Marcos Mesquita e Vitor Mesquita]
